



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6992 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT26 - Educação do Campo

“O VALOR DO MEU DIPLOMA NÃO ESTÁ NA MINHA ATUAÇÃO NA ÁREA SOMENTE”: Significados e sentidos do diploma universitário para jovens mulheres da roça
Tatyanne Gomes Marques - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Michelle Dourado Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: PICIN/UNEB

“O VALOR DO MEU DIPLOMA NÃO ESTÁ NA MINHA ATUAÇÃO NA ÁREA SOMENTE”: Significados e sentidos do diploma universitário para jovens mulheres da roça

1 INTRODUÇÃO

O título deste texto é uma afirmação feita por uma jovem mulher da roça [\[1\]](#) que acessou e concluiu o curso superior. Ela ressalta que o valor do seu diploma não se restringe à atuação na área de formação profissional. Assim sendo, indagamos: Qual o valor de um diploma universitário? No caso de jovens mulheres da roça que acessaram e concluíram o Ensino Superior em uma universidade pública, quais significados e sentidos atribuem ao diploma da graduação? Estas são as principais questões focalizadas neste texto que é parte de uma pesquisa maior de Iniciação Científica que busca analisar as experiências de jovens mulheres da roça na condição de egressas dos cursos de graduação na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) de modo a conhecer as implicações, significados e sentidos da formação universitária em suas vidas.

Como o estudo se centra nas experiências das jovens mulheres da roça, tomamos como referencial teórico-metodológico a sociologia do indivíduo na perspectiva proposta por Martuccelli (2015); Martuccelli e Singly (2012). Por ser esse referencial uma sociologia à escala dos indivíduos, a metodologia principal desta pesquisa faz uso das entrevistas semiestruturadas de modo que os significados e sentidos do diploma universitário são analisados a partir das experiências narradas por quem as vivencia e as significa. Neste caso, as jovens mulheres da roça que concluíram a graduação na Uneb.

Neste texto, os dados analisados foram produzidos por meio entrevistas realizadas com cinco egressas dos cursos de graduação do *Campus XII* da Universidade do Estado da

Bahia em Guanambi. Uma vez que nesse *Campus* são ofertados 4 cursos de graduação, selecionamos uma egressa do curso de licenciatura em Pedagogia (Maria Bonita[2]); uma do curso de licenciatura em Educação Física (Elizabeth); duas do curso de bacharelado em Enfermagem (Rita e Maria Augusta) e uma do bacharelado em Administração (Margarida).

Todas as entrevistas foram realizadas de abril a junho de 2020 por meio do aplicativo WhatsApp e seguiram todos os cuidados éticos da pesquisa com seres humanos[3]. São as narrativas produzidas por meio dessas entrevistas que, após transcritas, orientam as análises apresentadas.

2 PARA ALÉM DO VALOR PROFISSIONAL: Significados e sentidos do diploma universitário para jovens mulheres da roça

Em uma realidade marcada historicamente pelo não acesso das classes populares, negros e negras, mulheres, povos do campo, aos níveis mais elevados de educação, possuir um diploma de graduação é uma distinção social. De acordo com Hustana Maria Vargas (2010, p. 1):

Objeto de desejo e reverência, o título de “doutor” em nosso país conjuga vários elementos de distinção, calcados seja em nossa constituição histórica, seja em nossa estrutura de salários conexas à questão da mobilidade social, seja em aspectos particulares de nossa estrutura social.

Assim sendo, dada a raridade, a seletividade e os lugares/papéis ocupados por quem conquista um diploma de graduação no Brasil, não se pode desconsiderar o valor real do mesmo. Afinal, os dados de pesquisa (MAHLMEISTER, 2019; IBGE, 2007; VARGAS, 2010) mostram que a educação explica entre 30 e 50% da desigualdade salarial no Brasil. Cada ano de estudo implica o aumento salarial dos/as brasileiros/as, mesmo com a maior expansão dos cursos superiores nas últimas décadas Vargas (2010, p. 2) afirma que “se percebe uma relação positiva entre o nível de estudo e status ou salário”.

A taxa de retorno da escolarização comprova o valor do diploma para a atuação profissional. Todavia, no caso de jovens mulheres da roça, os dados desta pesquisa mostram que não é somente o significado material. Agrega-se a isso os significados e sentidos simbólicos experimentados por aquelas que historicamente tiveram e têm o acesso ao Ensino Superior interdito pela raça/cor; pela classe, pela localização e pelo sexo/gênero.

Como já mostrado na pesquisa de Marques (2019), o ensino “superior” parece quase inalcançável para jovens que inteseccionam categorias de pertencimentos excludentes, que transformam diferenças em desigualdades, como é o caso das jovens da roça. Ao considerarmos esse perfil, quando uma jovem mulher da roça acessa e conclui a graduação, o diploma têm muitos significados.

- Você tocou em um ponto muito importante: o valor que o diploma tem para uma jovem, mulher e da roça. O que eu tenho a te dizer é uma única palavra: CONQUISTA [disse isso enfaticamente]. O meu diploma hoje, para mim, foi uma conquista. Vejo nele todas minhas dificuldades que passei e consegui enfrentar durante todo o percurso. Chega um momento que a gente pensa que não vai conseguir de jeito nenhum. Ao olhar o diploma, a gente que vem da roça é uma conquista e uma luta também. (Maria Bonita, egressa do curso de Pedagogia, Campus XII).

- O diploma universitário hoje eu considero de suma importância, porém, assim que eu me formei, existiu dias em que eu olhei e disse assim: ‘É, meu Deus, o que é que eu vou fazer só com esse papel? Que é que eu vou fazer com esse papel?’ [Emocionada continuou] Porque o meu sonho era estar próxima da minha família e ter como trabalhar próximo. Mas isso não era possível só com o meu diploma. Então, assim, como jovem da roça, a gente pensa em dar uma resposta e a gente vem com anseios, sabe? A gente vem com desejo, com vontade de dar essa resposta especificamente para

a sociedade que a gente veio, especificamente para as famílias, que a gente sabe que passa pelas mesmas dificuldades que a gente passou e que a gente, às vezes, continua passando. São famílias que não têm condições de dar um cursinho para o seu filho, são famílias que não têm condições de pagar um transporte e muitas outras dificuldades. Hoje o valor do diploma pra mim, eu considero algo fundamental na vida de uma mulher do campo, na vida de uma mulher da roça sofrida e que, já desde pequena, pensava em comprar o seu próprio material escolar, que já catava feijão, catava algodão pensando nas condições financeiras depois. (Elizabeth, egressa do curso de Educação Física, Campus XII).

As narrativas de Maria Bonita e Elizabeth traduzem o significado do diploma em suas experiências por meio de única palavra – conquista. A conquista está relacionada com o ser da roça “*na vida de uma mulher do campo, na vida de uma mulher da roça sofrida [...]*”. É a condição de mulheres da roça que fazem com que as colaboradoras deste estudo compreendem a conclusão da graduação no Ensino Superior como uma conquista, algo raro em um país onde menos de 7% dos/as moradores/as das comunidades rurais, entre 18 e 24 anos, estão presentes no Ensino Superior (BRASIL, 2015).

Por isso, o diploma universitário para jovens da roça é uma conquista “*e uma luta também*”, afinal, reconhecem todos os desafios que enfrentaram “*Chega um momento que a gente pensa que não vai conseguir de jeito nenhum*” e as dúvidas que emergem com a própria conquista do diploma “*É, meu Deus, o que é que eu vou fazer só com esse papel? Que é que eu vou fazer com esse papel?*”

As questões que Elizabeth se coloca tem relação com o desejo de dar respostas à família e à comunidade de origem. Os anseios que as jovens da roça depositam nos diplomas relacionam-se à negação do direito à escolarização a todos e todas.

- É, eu considero que o diploma universitário hoje para mim que sou da roça e também mulher negra, tudo isso... um símbolo de resistência. [...] a gente tem que denominar assim como um símbolo de resistência. Porque educação, entre outros direitos, teria que ser disponível, dá acesso a todos, mas ele é um símbolo de resistência porque, mesmo diante das adversidades... Você conseguiu! E quando eu digo esse “você conseguiu”, eu não tô nem me referindo especificamente a mim, mas, o grupo que eu represento, que se sente representado por mim... Então, é um símbolo de resistência para todas essas pessoas, para toda mulher, para toda mulher negra que veio da roça. [...] Mas, se for colocar os aspectos que você me questionou, em termos de ser mulher, negra e da roça, é o que eu posso dizer para você isso: ele é um símbolo de resistência! (Maria Augusta, egressa do curso de Enfermagem, Campus XII).

Ao enfatizar “*é um símbolo de resistência*”, compreendemos que o significado do diploma para a jovem egressa é vinculado ao coletivo “*para todas essas pessoas, para toda mulher, para toda mulher negra que veio da roça*” que ela representa ou, como afirma, “*que se sente representado por mim*”. A conquista do diploma não se restringe a Maria Augusta. Ele significa a chegada à universidade do que ela é e representa: mulher, negra, da roça. Com sua fala, Maria Augusta refere-se à resistência de muitos/as porque a educação é um direito negado a quem é da roça e historicamente também negado às mulheres, aos/às negros/as, assim, marginalizadas do poder.

Nessa perspectiva, analisamos através da expressão enfática de Maria Augusta, “*em termos de ser mulher, negra e da roça, é o que eu posso dizer para você isso: ele é um símbolo de resistência!*” que o diploma universitário, para além da ascensão profissional, ganha sentido de resistência, de coletividade.

- Assim, para mim, [o diploma] tem um valor muito grande. Até porque, na minha comunidade, por ser uma comunidade muito grande e ser formada por comunidades menores, o território quilombola, ainda existe muito poucas mulheres que tiveram oportunidades de sair, de fazer o curso superior, quer seja em outra cidade ou até mesmo no município da Lapa. Como para mim, uma pessoa que teve a oportunidade de

sair logo cedo para poder trabalhar e estudar, pretendo contribuir para que essa oportunidade chegue a tantas outras pessoas da comunidade. Tenho o objetivo de poder tá contribuindo na escola, com palestras para poder ajudar os jovens a se interessar mais, para notar a importância e ocupar o lugar deles, porque muitos veem o estudo sem valor, visando muitas vezes a dificuldades de achar trabalhos na área de formação. Mas, independente do trabalho, durante todo esse processo na universidade, eu percebi que o mais importante de tudo não é você cursar o ensino superior para você está naquela profissão, atuar naquela área que você se formou, isso é objetivo, é importante, é o necessário. Porém, mais importante que tudo isso [...] é você adentrar a universidade e vivenciar tudo pode ser oferecido, saí de lá com uma riqueza muito grande. Hoje não estou atuando na área que queria de gestão, mas eu carrego uma bagagem muito grande, se eu não tivesse entrado para a UNEB, jamais iria conhecer. (Margarida, egressa do curso de Administração, Campus XII).

Do mesmo modo que Maria Augusta, para Margarida, o diploma universitário tem um valor muito grande porque não significa uma conquista individual, mas, coletiva. A partir das experiências vividas na academia, a egressa reconhece o compromisso com a comunidade do território quilombola do qual faz parte. O diploma, para ela, é significativo ao remeter ao direito à educação na comunidade, ao sentido da escola para jovens de lá e para o número restrito de mulheres quilombolas que tem acesso à graduação. Como uma pessoa que teve oportunidade de estudar, diz *“pretendo contribuir para que essa oportunidade chegue a tantas outras pessoas da comunidade”*.

Para essa egressa do curso de Administração, suas experiências na universidade e posteriores à conclusão da graduação mostram que o mais importante *“não é você cursar o ensino superior para você está naquela profissão, atuar naquela área que você se formou”*. Margarida reconhece que essa dimensão da formação superior *“é objetivo, é importante, é o necessário”*, todavia, devem se somar a outros sentidos.

O valor do meu diploma não está na minha atuação na área somente, mas sim na bagagem que trago, que eu possa ensinar e aprender também. Então, o marco para mim está na oportunidade de ter vivenciado a universidade pública e poder agora ter a oportunidade de passar para outras pessoas, compartilhar com outras pessoas que ainda não teve essa oportunidade e, claro, incentivá-las vim para esse meio, independente do depois. Depois eu vou conseguir um emprego rápido? Depois vou atuar em minha área? O depois é depois... A gente vai conseguindo, mas, por enquanto, fico com a mensagem que é importante sim adentrar a universidade pública, se dedicar e buscar a oportunidade, porque nela você se forma, não só a academicamente, mas, sobretudo uma formação cultural, social, política e humana que nenhum outro meio te permite. (Margarida, egressa do curso de Administração, Campus XII).

No caso de Margarida, sua fala demonstra que, para além do valor socialmente atribuído ao diploma universitário de formação profissional, *“o que importa mesmo é você adentrar a universidade e vivenciar tudo pode ser oferecido, saí de lá com uma riqueza muito grande”*. É essa “riqueza” ou a *“bagagem que trago”* os aspectos que considera mais importantes.

3 “DEPOIS EU VOU CONSEGUIR UM EMPREGO RÁPIDO? DEPOIS VOU ATUAR NA MINHA ÁREA?”: O significado do diploma para atuação de jovens mulheres da roça no mercado de trabalho

Embora as jovens mulheres da roça afirmem que o valor de seus diplomas universitários não se restringem à atuação profissional e as suas narrativas evidenciem outros significados atribuídos aos mesmos, há que se considerar também as indagações feitas por Margarida *“depois eu vou conseguir um emprego rápido? Depois vou atuar na minha área?”*.

Tais questões são importantes para compreendermos as implicações da graduação nas

experiências de jovens mulheres da roça que rompem muitas provas para acessar e permanecer no Ensino Superior (MARQUES, 2019). Ao considerar seus perfis, conseguir um trabalho na área da formação é muito importante para darem conta das dimensões materiais da vida na sociedade capitalista. Ainda que afirmem que “*o depois é depois*”, as entrevistadas preocupam-se com a condição de egressas.

- Então, atualmente você ter só o curso superior não é suficiente para o mercado de trabalho de fora, que tá aí fora. Você precisa de uma especialização, você precisa de um preparo, você precisa ter um diferencial, porque hoje só o curso superior não tem sido mais suficiente. Muitas pessoas estão conseguindo acesso ao ensino superior e isso é bom. Mas você precisa ter esse diferencial para você conseguir um emprego hoje em dia. Se bem que hoje nas cidades pequenas tem, porque essa questão política, um padrinho que ajuda e tal, mas para você conseguir um emprego em um local que ninguém lhe conheça, você tem que ter um bom currículo. (Rita, egressa do curso de Enfermagem, Campus XII).

- Considero que ser egressa realmente vai facilitar a inserção no mercado de trabalho. Porém, a gente tem outras dificuldades no Brasil em termos de trabalho, porque a gente tem que pensar no trabalho, a gente pensa na verdade, como uma questão de estabilidade, e eu posso dizer em relação a minha área de formação, por exemplo, a gente tem sim vários trabalhos que são estáveis, mas a gente tem uma grande instabilidade ainda. Isso porque essa instabilidade demanda da formação em Enfermagem, no próprio setor público e o setor público ele tem negligenciado ainda uma conferência do trabalho em condições muito precárias, mal remunerados que acaba dificultando, sendo uma dificuldade para você conseguir um trabalho ou com um vínculo empregatício bem precário. Como é a condição que muitas prefeituras, principalmente em cidades menores oferecem. Percebo assim, que é uma relação totalmente de subordinação daquele profissional a questões eleitorais e não é vínculo estável [...]. (Maria Augusta, egressa do curso de Enfermagem, Campus XII).

Rita e Maria Augusta analisam a conjuntura apresentada na atualidade no mercado de trabalho. Essa conjuntura, marcada pelo maior acesso ao Ensino Superior, relativiza o valor dos diplomas, conforme Vargas (2010) analisa e Rita constata “*você precisa ter um diferencial, porque hoje só o curso superior não tem sido mais suficiente*”. Assim sendo, não obstante Maria Augusta considere que “*ser egressa realmente vai facilitar a inserção no mercado de trabalho*”, há “poréns”: no Brasil, ainda há muita instabilidade no mercado de trabalho; remunerações ruins, condições e vínculo empregatício precários. Mesmo no setor público, Maria Augusta e Rita afirmam que a inserção no mercado de trabalho não tem como critério principal a formação profissional comprovada pelo diploma de curso superior.

4 CONCLUSÃO

A partir das questões propostas para este texto, concluímos que, no caso de jovens mulheres da roça que acessaram e concluíram o Ensino Superior na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), os diplomas têm significados e sentidos que vão desde a inserção no mercado de trabalho – para dar conta das dimensões materiais da vida – até, e principalmente, sentidos simbólicos experimentados por aquelas que historicamente tiveram e têm o acesso ao Ensino Superior interdito pela raça/cor; pela classe, pela localização e pelo sexo/gênero. Assim sendo, acessar e permanecer na graduação é uma conquista e resistência a todas as interdições. O diploma, raro e uma prova para quem é da roça (MARQUES, 2019), é uma conquista coletiva que ultrapassa as jovens como indivíduos, o que implica um compromisso com suas comunidades de origem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Observatório do PNE: Meta 12 - Educação Superior**, 2015. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne/12-ensino-superior>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

IBGE. 2007. **Perfil das despesas no Brasil: indicadores selecionados**. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=961. Acesso em 30 set. 2009.

MAHLMEISTER, Rodrigo et al. Revisitando a Mobilidade Intergeracional de Educação no Brasil. **Rev. Bras. Econ.**, Rio de Janeiro , v. 73, n. 2, p. 159-180, Junho 2019.

MARQUES, Tatyane Gomes. **Um pé na roça – Outro na universidade: experiências de acesso e permanência de jovens mulheres da roça na Universidade do Estado da Bahia – UNEB**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2019.

MARTUCCELLI, Danilo. La Sociología en los tiempos del Individuo. **Doble Vínculo: Revista de Estudos de Sociologia UC**, Ano I, n. 1, 2010b. (Entrevista por Rodolfo Martinic y Nicolás Soto). Disponível em: <https://doblevinculo.files.wordpress.com/2011/01/entrevista-a-danilo-martuccelli.pdf>. Acesso em: 01 maio 2015.

MARTUCCELLI, Danilo; SINGLY, François de. **Las sociologias del individuo**. Santiago: LOM, 2012.

VARGAS, Hustana Maria. "**Aqui é assim: tem curso de rico pra continuar rico e curso de pobre pra continuar pobre**". REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33. 2010a, Caxambu-MG. **Anais [...]**.Caxambu-MG, 2010. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/G16828--Int.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2020

[1] Nesta pesquisa, tomamos como referência o modo como as próprias jovens utilizam para se referir às suas identidades, isto é, como “da roça”. Esse conceito se aproxima do que foi elaborado por Marques (2019) em sua tese de doutorado ao afirmar que ser da roça não é uma identidade negativa, mas sim uma identidade que se vincula ao modo de vida de quem vive nos espaços rurais no interior do estado da Bahia, que se vincula ao trabalho na agricultura familiar.

[2] Esses são nomes fictícios escolhidos para preservar a identidade das colaboradoras da pesquisa.

[3] A mesma foi submetida à Plataforma Brasil/ao Comitê de Ética em Pesquisa da Uneb e aprovada por meio do parecer 3.203.725.